

PRÁTICAS TRANSDISCIPLINARES: UMA PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO HUMANA

Maria Helena Silva Fernandes(UEG)*
Marlene Barbosa de Freitas Reis(UEG)**

GT 1 - Inter e Transdisciplinaridade na Educação

Resumo

O presente artigo é resultado de uma pesquisa campo, estudo de caso, a qual apresenta reflexões/resultados sobre as possíveis práticas transdisciplinares de uma professora de uma escola da rede pública de ensino. Tem como objetivo verificar a superação de fragmentações de tempo, espaço, disciplinas, ressaltando a perspectiva transdisciplinar ou práticas transdisciplinares para uma formação humana. Como justificativa pretendeu-se compreender discutir os conceitos de inter e transdisciplinaridade a fim de refletir as possíveis contribuições dessas práticas para o conhecimento. Para o desenvolvimento desse artigo foram utilizados autores como Morin (2007); Suanno (2013); Suanno (2009; 2016); Santos (2004); Moraes (2015); Reis, Morais e Albino (2016). Em seguida foi realizada uma análise das observações e, também, de um questionário respondido pela professora pesquisada. O trabalho se inicia com uma breve abordagem de termos que foram relevantes para os estudos do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Transdisciplinaridade e Interdisciplinaridade na Educação. E, finalmente, foi possível considerar que a abordagem inter e transdisciplinar caminham dentro da perspectiva da inovação, mas, também, para a formação humana que, além de haver uma mudança de paradigma, ocorre uma relação mais humana dentro dos contextos escolares.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Transdisciplinaridade. Diversidade. Formação Humana.

Introdução

Este artigo científico é o resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), da segunda turma do curso de Transdisciplinaridade e Interdisciplinaridade na Educação, relativo à Pós-Graduação, *Lato Sensu*, em nível de especialização, oferecido pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Inhumas.

Atualmente, o processo de construção do conhecimento passa por uma crise, principalmente, no que tange à fragmentação do saber, o que impossibilita a compreensão do todo. Ao ter como base o modelo científico que se baseia na reprodutibilidade, ou seja, na capacidade de repetir uma determinada experiência em qualquer lugar, acredita-se que a forma de se chegar à verdade dos fatos é sistematizando-os de forma rigorosa e, assim, separando-os em pequenas partes/conteúdos. Toda essa fragmentação traz

conhecimentos compartimentados em disciplinas, conteúdos isolados sem qualquer relação com a realidade do estudante.

Ademais, em relação à globalização, sabe-se que “os grandes problemas são transversais, multidimensionais e planetários” (MORIN, 2007, p. 32). Os temas transversais refletem novos conteúdos que favorecem um novo arranjo para o conhecimento escolar, ressignificando e tomando um rumo para novas configurações/práticas que o mundo contemporâneo exige.

Foi neste sentido, que este trabalho, com cunho transdisciplinar, foi desenvolvido para observar práticas transdisciplinares de uma professora de uma instituição de tempo integral no município de Inhumas. Tem por intuito, juntamente com a finalidade de ultrapassar essa visão reducionista, linear e fragmentada da educação, verificar a superação de fragmentações de tempo, espaço, disciplinas e sujeitos bem como a reflexão das mesmas, ressaltando a perspectiva transdisciplinar e/ou práticas transdisciplinares como proposta para uma formação humana.

Este trabalho discute os conceitos de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade e algumas das práticas decorrentes dessas propostas. Além de observações, a pesquisa conta com entrevistas realizadas junto a professores de uma escola pública de tempo integral no município de Inhumas.

Como justificativa deste trabalho, pretendo compreender e discutir acerca das concepções dos termos interdisciplinaridade e transdisciplinaridade a fim de refletir sobre as possíveis contribuições dessas práticas para o conhecimento/saber e para a formação humana, uma vez que acredito que seja de fundamental importância para a minha formação pessoal e enquanto docente.

O que caracteriza as práticas interdisciplinares e transdisciplinares?

A interdisciplinaridade pode ser entendida como uma prática humanizadora que visa integridade em relação ao conhecimento. Entendo que a prática interdisciplinar constitui na junção de saberes que são reelaborados dentro das várias possibilidades de abranger determinado assunto que possa vir a ser estudado. Segundo Suanno (2016, p. 89),

quando falamos de interdisciplinaridade, falamos do conhecimento amplo que o professor deve possuir não só da sua disciplina, mas as outras que têm referências de contato, de semelhanças e de diferenças e se sente liberto para utilizar de outros procedimentos de outras áreas na sua, expandindo a disciplina e ampliando o olhar para outras áreas que não só a sua.

O modelo cartesiano é baseado em uma proposta redutora/fragmentada, o qual não atende ao novo momento histórico que estamos vivendo, bem como as revoluções e a globalização. Assim, identifica-se uma fragmentação/desarticulação também da vida da escola com a vida da comunidade. As novas abordagens são apresentadas dentro de uma diversidade de conceitos e, também, pela integração de disciplinas. Para Fazenda (1998), a introdução da interdisciplinaridade provocou uma transformação intensa na docência, que recorre aos demais saberes.

Em contraponto, a razão disciplinar reduz a criticidade e ocasiona a diminuição da ação criadora do professor. Já a interdisciplinaridade conduz a uma estrutura que visa mudanças, integra e compartilha saberes, dando autonomia ao professor que pensa e cria com maior segurança.

Dessa forma, o pensamento/proposta inter/transdisciplinar trabalha em prol de uma consciência de totalidade, o que vai contribuir com a construção de um saber abrangente que vai além das fronteiras disciplinares. Ou seja, nas conexões entre as disciplinas é que o saber vai se construir. De fato, o que torna o conhecimento imprescindível não é a sua condição, mas o seu processo. Para Nicolescu (1999, p. 53),

atransdisciplinaridade, como o prefixo trans indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e mais além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.

Nesse sentido, caracteriza-se por uma atitude transformadora, ou seja, uma ruptura com as fronteiras postas dentro da disciplina a fim de superar a fragmentação do conhecimento.

Assim, a transdisciplinaridade defende que o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo e vice-versa, ou como Morin (2003), ressalta dentro da



323

multidimensionalidade do mundo, existindo, então, um conhecimento capaz de compreender tanto os problemas globais quanto os parciais. Portanto, o conhecimento fragmentado em disciplinas é ineficiente no que diz respeito à ligação/compreensão das partes dentro de um todo (MORIN, 2015).

Ademais, trata-se de superar um ensino vazio sem significado e que não modifica e não vai além da realidade do aluno. É nesse transcender que ocorrem as transformações. “A transdisciplinaridade caracteriza-se por ser uma pulsão religadora, por buscar pensar complexo multidimensional, multirreferencial, articulando razão, emoção e atitude transformadora” (SUANNO, 2013, p. 07). Educar/ensinar, então, deixa de ser um mero adestramento, ou um movimento que visa à compreensão multidimensional que torna os sujeitos mais curiosos/críticos. Assim, “é necessário ensinar os métodos que permitam perceber as relações mútuas e as influências recíprocas entre pares e todo em um mundo complexo” (MORIN, 2015, p. 101).

Considera-se que nenhuma dimensão vai ter prioridade sobre a outra, será uma articulação/integração da totalidade. E, de acordo com o que revela Santos (2004, p. 111), “para se conhecê-la é preciso o conhecimento disciplinar, a pesquisa transdisciplinar se apóia na pesquisa disciplinar. Os conhecimentos disciplinares e transdisciplinares não são antagônicos, são complementares”. Por certo, a transdisciplinaridade tem seu apoio e sua base nas disciplinas.

A transdisciplinaridade vai estimular uma nova compreensão da realidade, articulando, então, os elementos que vão estar presentes entre, além e através das diferentes áreas do conhecimento. Para Moraes (2015) trata-se de um conhecimento que é fruto das interações entre as disciplinas o qual relaciona os diferentes conteúdos disciplinares. “Esse conhecimento produzido vai além de todas elas, além dos domínios lingüísticos que lhe deram origem, revelador de conhecimento transdisciplinar que transcende as fronteiras disciplinares” (MORAES, 2015, p. 70).

Sendo assim, trata-se de um algo que pressupõe movimento constante, o que corrobora de forma significativa no processo de construção do conhecimento. Da mesma forma, Moraes (2015, p. 83) explica que “a transdisciplinaridade favorece a religação dos saberes e a ecologia das ideias. Não apenas dos saberes disciplinares, mas também dos



324

saberes experienciais, vividos que são balizados pelas experiências”. Portanto, favorece a existência de conhecimentos plurais e o diálogo entre os diversos saberes.

A fragmentação do conhecimento e a mudança de paradigma através do pensamento complexo

A globalização e a constante aceleração do desenvolvimento nos levaram a pensar de forma compartimentada, em outras palavras, em “caixinhas”. Perdeu-se a capacidade de pensar/enxergar de forma planetária/global.

Ainda, nesse contexto, há a fragmentação do conhecimento na perspectiva cartesiana, termo utilizado por Descartes, que se trata de uma padronização e/ou o predomínio da compartimentação do conhecimento em disciplinas. O que faz com que os alunos compreendam o mundo de forma fragmentada ao invés de compreendê-lo de forma global. Bem como destaca Morin (2015, p. 107) “perdemos a aptidão de globalizar, de introduzir os conhecimentos em um conjunto”.

Há certa falta de conexão entre as áreas do conhecimento, e isso faz com que haja uma visão fragmentada tanto do conhecimento quanto da própria existência humana. De fato, é inegável a existência de um paradoxo a ser superado no âmbito educacional, uma quebra de paradigma, no que diz respeito a esta contradição entre um sistema disciplinar e o conhecimento, isto é, a vivência de mundo dos alunos.

Sabe-se que a função da escola é a socialização e a garantia de ideais democráticos ao cidadão, aquele que vá pensar de forma aberta e crítica. Tudo isso ocorre através de vivências/experiências que vão estimular a compreensão, a reflexão, o pensamento mais crítico e criativo por meio de práticas estudos/vivências interdisciplinares e transdisciplinares. Segundo Morin (2015), o modo de pensamento ou de conhecimento fragmentado, compartimentalizado e monodisciplinar nos conduzem a uma inteligência cega. Dessa forma, a sociedade e a escola devem estar empenhadas em religar os conhecimentos a fim de saber articulá-los.

Nesse contexto, refletir sobre os saberes é integrá-los. Morin (2015, p. 108) destaca que “a reforma do pensamento não tem como objetivo fazer com que as capacidades analíticas ou separatistas sejam anuladas, mas acrescentar a elas um pensamento que religa”.

Torna-se necessária uma formação crítica e reflexiva/transformadora por parte do educador, o qual deve oportunizar em sua prática a construção do conhecimento a fim de que não seja uma mera reprodução do mesmo. Para tanto, é preciso instigar os alunos a desenvolver reflexões como sujeitos ativos em seu processo de aprendizagem e construção do conhecimento, propondo soluções, formar opiniões/convicções. Igualmente, estarão preparados para qualquer desafio, sendo que o maior deles é o de, justamente, colocá-lo no centro de todo o seu processo de aprendizagem.

Conforme Santos (2004, p. 112) “estamos idealizando uma educação que tem por objetivo abarcar a totalidade do ser e não apenas o seu componente racional”. Ainda, segundo a autora, no ensino deve-se harmonizar a disciplinaridade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade.

O pensar complexo amplia o todo, religa e articula os saberes, incorpora o contexto, o qual não pretende unificar paradigmas. “Essa religação nos permite contextualizar corretamente, assim como refletir e tentar integrar nosso saber na vida” (MORIN, 2007, p. 71). Um dos desafios da educação atual é muito mais para saber religar do que aprender a separar. Para Santos (2004, p.13), “pensar complexo é pensar em movimento, ou seja, em processo, dialogar com as diversas visões e através da transdisciplinaridade buscar um macroconceito”. Portanto, trata-se de um pensamento circular para se pensar a totalidade, é um contextualizar incessante. Nesse sentido, segundo Reis, Morais e Albino (2016, p. 3),

é no cotidiano, na convivência do homem com sua família e com a sociedade, que se exercitam as práticas da complexidade, uma vez que esta se encontra presente na vida do sujeito, desde a sua origem na figura das diversas pessoas com as quais convivem nas múltiplas ideias que surgem sempre diante de todos, nas mais diversas situações. Enfim, complexidade é vida, é gente, é tudo que faz parte do mundo.

Percebe-se, então, a necessidade de se ter uma Pedagogia mais ativa que vá caminhar de acordo com a forma acelerada dos conhecimentos, e que os alunos passem da posição cômoda para uma posição mais crítica, tornando-se mais motivados com os resultados finais. Segundo Suanno (2009, p. 8333?),

a complexidade tem por fundamento a negação da simplificação e pressupõe



326

a intencionalidade de dialogar com as ambiguidades, os equívocos, as diversidades, por meio dos operadores cognitivos do pensamento complexo. Pensamento esse mais amplo, sistêmico, relacional e transdisciplinar, capaz de religar o que a ciência moderna fragmentou, nutrida pela complexidade, apoiado na busca de um novo olhar sobre a realidade.

Dessa forma, pretende-se que haja uma ampliação da consciência, o que caracteriza a principal inovação na perspectiva do pensamento complexo e da transdisciplinaridade, o que também intenciona a ampliação da percepção dos sujeitos. E, segundo o entendimento de Suanno (2013, p. 9) “a ampliação da consciência faz emergir novas relações com o conhecimento, novas relações entre os sujeitos, novas relações com a natureza, novas relações com as culturas, novas relações com a transcendência”.

Então, uma educação para o pensar complexo deverá ser comprometida com o papel do sujeito na construção da sua identidade, levando em conta o respeito à diversidade, valorizar experiências sensíveis, o equilíbrio e a convivência.

Formação docente: identidade e contribuição transdisciplinar

O termo identidade tem origem latina (*identitas*) e significa igualdade, a mesma coisa, continuidade. A identidade profissional docente é vista como um processo contínuo em que haverá a construção do sujeito enquanto profissional. Ou seja, é considerada uma prática de produção em constante transformação, sendo inacabada em que há a possibilidade do indivíduo construir, desconstruir e reconstruir, dando sentido ao trabalho docente. Nesse sentido, entendemos que, a identidade profissional docente pode contribuir para mudar e buscar melhores condições de trabalho.

Pimenta (2012) considera que, a identidade do profissional da educação não é algo estático, fixo e não é suscetível de mudanças, pelo contrário, é um dado mutável, dinâmico que emerge de um contexto histórico em resposta as necessidades que são postas pela sociedade. Assim, a construção da identidade profissional docente pressupõe conhecer a si mesmo, e se reconhecer como produtor de conhecimentos. Entender o processo de constituição da profissionalidade docente e, também, as práticas cotidianas da escola implica na colaboração para o entendimento de que a formação docente acontece dentro de um



327

processo histórico, social e cultural. Conforme Pimenta (2012, p. 20),

uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente do seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor. Assim como a partir de sua rede de relações com outros professores, nas escolas, nos sindicatos e em outros agrupamentos.

O conhecimento profissional representa o conjunto de saberes que habilita os indivíduos para o exercício de qualquer profissão. Este conhecimento é construído através da formação inicial, e é aprimorado a partir da prática de sua profissão e também através da formação continuada. São situações formativas, a forma do indivíduo se relacionar com o outro sendo o conhecimento profissional do professor um conjunto de saberes teóricos e experienciais, que se expressam, portanto, em um saber agir conforme as situações e os contextos dos indivíduos (FREIRE, 1996).

O discurso e a prática da formação continuada redimensionam a formação inicial e o desenvolvimento das competências de ensinagem. Portanto, ser professor implica estar em formação continuada, pois a formação básica é apenas o início de um processo o qual deverá ser aperfeiçoado ao longo da carreira.

Nessa visão, a formação continuada é vista como uma importante condição de mudança no que diz respeito à prática pedagógica ou, até mesmo, a inovação da mesma. Além do mais se trata, também, de uma releitura das experiências do cotidiano da escola. Nesse sentido, pode-se afirmar que a formação continuada realiza/integra atividades do cotidiano dos professores e das escolas.

Ademais em relação à identidade, sabe-se que não há uma pré-determinada/específica. É importante que o professor dentro de sua prática docente reflita não somente sobre atributos profissionais, mas, também, sobre os atributos pessoais o que gera um



328

novo pensamento dentro de novas possibilidades/dimensões, novas competências. Reis, Morais e Albino (2016) enfatizam que a tarefa de ensinar implica, também, opções éticas, professores sensíveis e preocupados com os resultados de tudo àquilo que se propõe construir com seus alunos.

Sob o mesmo ponto de vista, o pensar complexo e transdisciplinar consideram/almejam novos rumos para que haja efetivamente uma mudança de paradigma dentro do contexto educacional. Assim, tal proposta visa esforços no sentido de promover uma mente ampliada que sustente uma consciência planetária e afetiva (MORIN, 2001), ou seja, um olhar sensível sobre si, sobre a natureza, sobre o viver, sobre o conviver.

Todo esse entendimento da nossa condição humana enquanto parte da natureza, auxilia na constituição do ser/sujeito sensível, pois, assim, haverá a preocupação de ampliar a percepção e o entendimento de fatos dentro de sua complexidade. Esse sujeito complexo passa a exercitar racionalidade tanto quanto a sensibilidade. Uma das contribuições do viés transdisciplinar é a de renovação da sensibilidade humana, da afetividade, o que legitima em sala de aula ações/ atividades colaborativas que além de aprender, também há a construção de significados pessoais, estabelecimento de relações. Tal qual explana Moraes (2015, p. 96),

a transdisciplinaridade trabalhada em educação tem como foco principal o sujeito e, nesse sentido, o desenvolvimento humano, por meio de uma perspectiva complexa e multirreferencial. Complexa porque nos leva a conceber o ser humano multidimensional em sua natureza, dotado de diferentes capacidades cognitivas, emocionais e espirituais, nutrido por suas habilidades, competências, sensibilidades e talentos.

Apresentação e análise dos dados pesquisados

A escola em que foi realizada a pesquisa/observação é uma instituição pública cidade de Inhumas-GO, de Ensino Fundamental (primeira fase) que oferece educação para alunos do 1º ao 5º ano, atendendo assim um alunado a partir de seis anos de idade, de ambos os sexos, tendo um total de 182 alunos matriculados. Trata-se de uma escola de tempo integral, mantida pelo poder público Estadual, cujo horário de funcionamento se dá das sete às dezessete horas. Está situada à Rua 1, s/n, Vila Santa Maria. O grupo escolar foi construído em 20 de outubro de 1956. O quadro de servidores conta com 36 funcionários, sendo 25 professores e onze

agentes administrativos. A instituição é administrada por um gestor, eleito pelo voto direto e mandato de três anos. O trabalho pedagógico é orientado e coordenado por uma equipe de coordenadores, formada por pedagogos e graduados em áreas afins.

Foi escolhida para observação da prática pedagógica – que teve por intuito verificar se a professora adota práticas transdisciplinares visando uma formação humana - uma professora de uma sala de quinto ano, a qual possui 25 alunos. Dentre esses, cinco deles são atendidos pela sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) por terem alguma dificuldade de aprendizagem, e outro aluno que necessita da professora de apoio, pois o mesmo apresenta microcefalia, baixa visão e prejuízo motor. Além de estar em atraso de idade/ano escolar.

Em relação à professora observada, sabe-se que é graduada em História (UEG – 2003) e, também, em Pedagogia (FAESP – 2011), além de possuir uma Pós-Graduação em Psicopedagogia (Universidade Gama Filho). A mesma trabalha na escola referida há quinze anos.

Foram realizadas observações de três aulas. A primeira foi uma aula da disciplina de ciências em que, de forma bem descontraída, a professora expôs as camadas da Terra, explicando através de desenhos no quadro e imagens no Datashow. Após as explicações, solicitava aos alunos que confeccionem um modelo da Terra com massinha de modelar, a professora explica de forma simplificada e os alunos vão seguindo as instruções. Para esta mesma aula, a professora levou um bolo vulcão para fixação e exemplificação do conteúdo. Nesse bolo as partes/camadas da Terra aparecem em cores diferentes para que os alunos façam a diferenciação.

A segunda observação foi de aulas de um projeto interdisciplinar intitulado “Projeto de Vida”, idealizado pela professora da disciplina de Ensino Religioso, que foi trabalhado atividades dentro das disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática e Ensino Religioso. Na disciplina de Língua Portuguesa, a professora de referência¹ trabalhou a interpretação de uma receita de sonho, após solicitou que os alunos fizessem a sua própria receita de boa conduta e coisas boas para nossa vida. Na disciplina de Matemática, a professora trabalhou as medidas que são utilizadas na receita, logo após, ilustrou valores que correspondem a cada ingrediente

¹Professora de Referência é aquela responsável por lecionar as cinco disciplinas do currículo escolar (Língua Portuguesa; Matemática; Ciências; Geografia; História).

da receita e solicitou que os alunos calculassem o total de quanto gastaram em dinheiro para o preparo da receita. De forma interdisciplinar na disciplina de Ensino Religioso, foi feito um trabalho na perspectiva de visão de futuro dos alunos, a professora realizou um trabalho de reflexão de questões relacionadas ao o que queriam ser, como eles se reconhecem no mundo e o que gostariam de melhorar em suas situações. Projetou, também, as diversas profissões para que eles pudessem se familiarizar e enxergar novos rumos para suas vidas. Foi trabalhada a questão de conscientização para que eles se enxerguem como seres humanos melhores, vidas melhores, e possam ser pessoas comprometidas, éticas. Ademais, a professora elaborou uma árvore dos sonhos com ideias que eles deveriam ter para chegar aos seus objetivos. Além disso, foram exibidos vídeos motivadores, cartazes com frases motivadoras. Para finalizar fez-se uma confraternização com sonhos de padaria que foram feitos com a ajuda dos próprios alunos.

A interdisciplinaridade sinaliza uma abordagem que rompe com a compartimentalização/fragmentação das aulas vistas como tradicionais, resultando em aulas percebidas pelos alunos como diferentes, novas, divertidas e atraentes. Dessa forma, Anjos (2015, p. 38) explana que, “a interdisciplinaridade requer a responsabilidade como farol direto que apresenta o contexto das coisas, tendo como relevância o sentido do pensamento, a ação e transformadora”.

Outra atividade observada e bastante significativa foi uma aula relacionada à diversidade e a inclusão, em que, a professora além de dialogar sobre as diferenças entre as pessoas, trabalhou a discriminação, o preconceito, expôs para os alunos um pouco sobre as pessoas com deficiência física e suas habilidades especiais, as quais adquiriram para suprir e compensar a sua deficiência. Para que os alunos pudessem ampliar os seus olhares para essa temática a professora propôs uma vivência em que o aluno pudesse experienciar o que, e como, se sentem as pessoas com limitações físicas. Para isso, ela propôs várias atividades como a privação da visão; a dança de olhos fechados, o ambiente e o guia, e também de dinâmicas relacionadas à privação de movimentos e locomoção, em que eles teriam que deixar de mexer um membro superior ou inferior para sentirem um pouco dessa limitação.

Sabe-se que o professor enquanto mediador do processo de ensino aprendizagem exerce um papel fundamental no desenvolvimento dessas práticas que vão propiciar a reflexão



331

sobre a inclusão escolar. Esse trabalho dos alunos vivenciarem a diversidade e a inclusão trouxe um desenvolvimento interpessoal, e também permitindo aos alunos trocas sociais, além do aprimoramento das relações afetivas, o respeito, a convivência com a diferença, por meio de práticas que visam e colaboram com a desconstrução de preconceitos assegurando então a visão de igualdade.

Conforme afirmam Santos e Reis (2016), a construção de uma educação na e para a diversidade implica o exercício da alteridade por todos os envolvidos no processo educativo. Ainda, segundo as autoras,

espera-se de todos os envolvidos no processo educativo uma atitude de tolerância a incompletude humana e de acolhimento ao outro, haja vista que não somos completos e na nossa incompletude precisamos do outro. No espaço escolar cada sujeito em sua incompletude precisa ter flexibilidade e sair da zona de conforto, pois sempre há o que aprender com o outro e com as diferenças. Nesse sentido, o que se almeja de um ambiente educativo é o desenvolvimento de uma educação que promova o aprimoramento cognitivo, mas que também se preocupe com a formação humana, emocional e cidadã de todos os alunos. (SANTOS; REIS, 2016, p. 663).

Percebe-se, então, que a partir dessas vivências, tudo o que foi visto, sentido, incorporado, podemos perceber estratégias de aprendizagem que visam à integração, as quais se fazem importantes/ necessárias o que implica em uma religação do sujeito consigo com o outro e com o meio, ou seja, com o todo. Assim, vivendo, interagimos com o outro com o meio com o todo, o qual é transformado a todo tempo. Segundo Oliveira e Freitas (2011, p. 7-8),

a transdisciplinaridade reconhece que os objetos de estudo não podem ser separados do sujeito que os percebe e classifica, ou seja, ela se preocupa para além dos conteúdos transmitidos, com a formação do humano integral e valores. A “missão” da transdisciplinaridade é favorecer um ensino baseado em valores humanos, para formar pessoas e cidadãos melhores que saibam, posicionar-se no universo e contribuir com o planeta e todos os seus que nele vivem. (Grifo das autoras).

Sabemos que tanto educadores quanto a educação não são a solução para todos os problemas da humanidade. Mas, ambos vão protagonizar um papel importante na formação e, também, na transformação de

valores em uma sociedade, principalmente, como o respeito à condição humana. “A abordagem transdisciplinar propõe a ressignificação dos valores para que possamos nos libertar das amarras que nos prendem, ou seja, conhecer os valores que nos orientam que nos humanizam e nos confraternizam com a nossa verdadeira essência” (OLIVEIRA; FREITAS, 2011 p. 10). Para as autoras essa ressignificação de valores se iniciam com atitude e autonomia para que, assim, haja a construção de uma consciência transdisciplinar.

Além das observações, foi aplicado um questionário para a professora de referência a qual estava intimamente relacionado à sua formação, prática e, também, sobre a percepção que a mesma tem das práticas transdisciplinares.

A professora relata que participa de vários cursos relacionados à sua atualização profissional enquanto educadora, principalmente àqueles “promovidos pela SEDUCE, relacionados à inclusão, letramento, numeramento, além de alguns cursos da UEG de transdisciplinaridade e interdisciplinaridade”. Segundo ela todos esses cursos contribuíram de algum modo para a prática em sala de aula, pois, segundo a mesma “traz novas idéias e visões sobre a prática pedagógica”.

A professora, ainda, relata que a vivência de mundo de seus alunos e o conhecimento que eles possuem é o ponto de partida para a elaboração do seu planejamento. A esse respeito Batalloso e Moraes (2015, p. 98) dispõem que

o pensamento transdisciplinar na educação convida-nos a reconectar os saberes valorizando tanto o conhecimento científico como a sabedoria humana. Ajuda-nos a romper com o velho dogma reducionista de explicação do real para perceber a complexidade entre o todo e as partes.

A professora pesquisada respondeu em uma das questões o que entende por transdisciplinaridade: para ela, trata-se de “um conceito mais amplo que a interdisciplinaridade, vai além do conteúdo através das disciplinas, visa uma formação humana de empatia e de conhecimento”. Segundo ela, em sua prática tem tentado a cada dia, em cada planejamento abordar aspectos da prática transdisciplinar. Para Moraes (2015, p. 19), “educação como meta estratégia humanizadora, capaz de ampliar a consciência dos sujeitos aprendentes em direção a uma maior integração e maturação das relações humanas”. Ou seja, uma educação que visa novos conceitos, paradigmas e metodologias mais eficazes, no sentido

de estar atenta às necessidades desse mundo atual tão cheio de mudanças. E, quando a professora é questionada em relação a sua prática, como a percebe, ela responde da seguinte forma:

dentro da minha prática sempre tenho procurado atividades inovadoras e motivadoras que consideram sempre a vivência, conhecimento e interesse dos meus alunos, tendo como objetivo que as experiências vividas na sala de aula, ultrapassem as paredes da escola, e sejam utilizadas na vida cotidiana de cada aluno.

Nessa perspectiva, Gadotti (2003, p. 72) pontua que “a educação para ser transformadora, emancipadora, precisa estar centrada na vida [...]”. Assim, ao analisar minha formação reconheço que foi suficientemente boa para que exerça a docência e possa analisar práticas de colegas e até mesmo a troca de experiências com os mesmos no ambiente de trabalho. Reconheço, também, que a formação continuada bem como este curso de pós-graduação me ajudou a estabelecer uma melhor relação entre a prática e a teoria, bem como uma visão mais humanista, possibilitando então um saber em constante reconstrução. Consoante a essa ideia retrato aqui um pouco da minha história.

Relato/história de vida

Nasci no dia 2 de outubro de 1991, na cidade de Inhumas-GO, e, como boa libriana, penso que o que me caracteriza é ser pacífica e otimista, porém, extremamente, indecisa na maioria das vezes.

Vim de uma família de baixa renda, meus avós, tanto maternos quanto paternos, eram trabalhadores rurais que vieram de Minas Gerais para tentar a sorte de uma vida melhor no estado de Goiás e por aqui ficaram e constituíram família.

Meu pai tem como formação escolar a antiga quarta série e minha mãe também possui a mesma formação escolar e não trabalha fora de casa. Ele, um funcionário de uma grande empresa da cidade, muito ativo e disposto, o tinha desde a minha infância, como “um super homem”, pois sempre tinha o poder de resolver todas as situações, com muita firmeza, seguro de tudo. Quando eu era criança ele sempre me dizia que não permaneceu na escola



334

porque não gostava e dava muito trabalho para as professoras, porém, para manter seus filhos estudando morreria trabalhando para que assim pudesse nos ver formados/diplomados, pois segundo ele, a herança mais valiosa que ele poderia nos deixar seria o estudo.

Já minha mãe abandonou a escola para auxiliar nos afazeres domésticos. Casou muito jovem, mas sempre nos incentivou, pois, segundo ela através de uma boa educação chegaríamos aonde quiséssemos.

A formação da minha personalidade teve uma forte influência dos meus avós, éramos todos praticamente vizinhos. Os meus valores, crenças, e atitudes creio que tenha herdado um pouco de cada um deles através dos bons exemplos que tive. Neste entendimento, Bourdieu (2004, p. 131) ressalta que

O habitus, que é o princípio gerador de respostas mais ou menos adaptadas às exigências de um campo, é produto de toda a história individual, bem como, através das experiências formadoras da primeira infância, de toda a história coletiva da família e da classe. (Grifo do autor).

Destaca-se então que o *habitus* está na base daquilo que vai definir a personalidade do indivíduo, que vai se construir ao longo de uma história particular. Não me recordo em que ano começou a minha vida escolar, acho que tinha uns cinco anos de idade, mas me recordo bem da escola. Comecei a estudar em uma escola bem pequenininha que ficava na região periférica da cidade, a qual era a mais próxima de casa. Tinha muitos amigos e adorava brincar de escorrega no moinho que tinha atrás da escola.

Também, não tenho muitas lembranças do meu processo de alfabetização, não me recordo de muita coisa da época, o que lembro é de uma professora da alfabetização, da qual gostava muito, tia Valdinair, era muito atenciosa e carinhosa com todos da classe. No ensino fundamental sempre tive bons professores, alguns inclusive também foram meus professores em algumas disciplinas na graduação. Lembro que quando comecei a ler decodificando, meu pai, talvez intencionalmente, me colocava para ler tudo que via pela frente e quando eu o questionava ele dizia, “leia para mim, o papai não sabe ler”, na verdade ele sabia. Penso que o fazia propositalmente para que eu me interessasse cada vez mais pela leitura além de aprimorá-la.

Durante toda a minha vida escolar tive muita influência de minha madrinha que

sempre me apoiou. Como professora ela sempre acompanhou o meu desenvolvimento escolar, cobrando, incentivando e auxiliando, além de estar sempre monitorando as minhas notas.

Sempre estudei em escolas públicas, tinha boas notas, era boa aluna. Ao ingressar no ensino médio me batia um desespero em pensar que teria que escolher uma profissão. Na escola em que eu estudava na época, gostava de todos os professores, mas uma delas me chamava mais atenção, a professora de biologia. Ah! Como eu passei a amar biologia, com a didática e sabedoria com a qual a professora conduzia a aula me encantavam, e eu pensava “quero ser como ela”, só que não pelo fato de ser professora, na época isso nem passava pela minha cabeça. Além de professora, ela também era biomédica e isso me encantava, as aulas de genética, também, a ponto de escolher este curso no eu primeiro vestibular. Infelizmente, não obtive êxito tentei uma segunda vez para fisioterapia também sem resultados. Nesse meio tempo minha madrinha sempre dizia “faça uma licenciatura não vai faltar emprego”. E lá fui, prestei vestibular para pedagogia e cá estou. Sempre gostei muito de estudar, estou habituada a isso, sempre vivi em meio aos livros tanto em casa como na casa de minha madrinha.

Creio que o meu principal valor seja a humildade e a amabilidade, pois acredito que sem esses fatores não conseguimos chegar a lugar algum. Devemos ser humildes e amáveis, pois estamos vivendo em um mundo difícil, de pessoas orgulhosas, ambiciosas, que não sabem amar o seu próximo, não praticam a alteridade e não sentem empatia em relação aos seus semelhantes. Sonho com um mundo mais igual em que as pessoas possam ser mais gentis e sensíveis às necessidades daqueles que podemos de alguma forma ajudar. Que as boas ações não sejam manchete de jornais para causar espanto por serem raras, mas que possam ser exaltadas por serem corriqueiras.

Atualmente trabalho como professora de referência em uma escola de primeira fase do ensino fundamental da rede estadual de ensino, que por sinal é uma escola de tempo integral, na qual trabalho com o Currículo Referência da Rede Estadual de Goiás, lecionando as cinco disciplinas/áreas do conhecimento (Língua Portuguesa; Matemática; Ciências; História e Geografia). Ainda estou me adaptando, pois até hoje não havia tido nenhuma experiência tão significativa quanto. Há pouco mais de três anos tive uma primeira experiência só que pelo município, porém não se compara a minha atual função.

Como professora me vejo como um ser aprendente bem como os meus alunos,

percebo que ensino e aprendo muito com eles também. Acredito que o aluno apreende quando o professor leva para a sala de aula estímulos positivos, para que a aprendizagem seja prazerosa, e é o que pretendo exercer /realizar, pois entendo que os professores são agentes ativos na construção da sua própria prática. Bem como ressalta Freire (1967, p. 132),

analisa-se a possibilidade crescente que tem o homem de, por seu espírito criador, por seu trabalho, nas suas relações com o mundo, transformá-lo cada vez mais. E que esta transformação, contudo, só tem sentido na medida em que contribuir para a humanização do homem.

Há alguns anos decidi abandonar a vida de vestibulanda frustrada a ingressar em um curso na área da saúde, para fazer um curso de licenciatura o qual, a princípio não tinha a pretensão. Com o passar do curso e com as experiências que tive, percebi a complexidade do “ser professor” e, também, a responsabilidade que é posta em nossos ombros, pois este tem um papel relevante no que diz respeito à ação educativa.

Ensinar é uma prática social, ou como Freire (1967,p. 108) afirmava, uma ação cultural, pois se concretiza na interação entre professores e alunos, refletindo a cultura e os contextos sociais a que pretendem, “o analfabeto começaria a operação de mudança de suas atitudes anteriores. Descobrir-se-ia, criticamente, como fazedor desse mundo da cultura. Descobriria que tanto ele, como o letrado, tem um ímpeto de criação e recriação”.

É preciso perceber a existência de uma cultura, que está engendrada na prática educativa. Bourdieu (2004) define essa cultura com um *habitus*, que segundo Oliveira e Pessoa (2013, p. 22),

O *habitus* adapta-se, modifica-se, produz novo *habitus* quando entra em defasagem, desajuste, diante das mudanças nas condições objetivas ou mudanças sociais. *Habitus* é uma adaptação ou ajustamento ao mundo ante novas situações ou mudanças significativas que tiram o agente de um espaço, condição ou disposição e o colocam num novo sistema de disposição construído continuamente em razão de novas experiências. (grifo dos autores).

Isto é, cada ser seja professor ou aluno é um sujeito específico. Penso que o docente não consegue definir a ação educativa, porém há a possibilidade de refletir sobre o papel que ocupa dentro desse processo, e também sobre as questões culturais que o norteiam.

Tornamo-nos professores quando sabemos exatamente o nosso papel na sociedade, e passamos a ter a consciência da nossa importância para tal. Talvez, a principal característica da minha personalidade seja a vontade de poder mostrar aos meus alunos que o mundo ou a escola não é uma caixinha fechada com disciplinas fragmentadas. Tenho o desejo de mostrar a eles que a aquisição do conhecimento vai muito além, e, assim, como expõe Moraes (2014, p. 50), “todo conhecimento científico é sempre uma construção humana, sempre procurei criar um ambiente adequado ao processo de aprendizagem, que fosse intelectualmente desafiador e, ao mesmo tempo, emocionalmente saudável e cognitivamente instigante”.

Ter um curso superior para alguém que vem de uma família pobre é como ter um status social, uma melhoria de vida. Coursar o nível superior traria mudanças significativas na minha vida pessoal e também profissional, bem como assinala Libâneo (2010, p. 74), “o ser humano desenvolve e se transforma continuamente, e a educação pode atuar nas configurações da personalidade a partir de determinadas condições internas dos indivíduos”, dessa forma a educação vai exercer função adaptadora em que os sujeitos estão em constante formação.

A formação continuada é vista como uma importante condição de mudança das práticas pedagógicas, a inovação, a reflexão do que está sendo feito em sala de aula, ou antes, de tudo uma releitura das experiências, e a tudo que está integrado ao cotidiano dos professores e das escolas.

Penso que não é possível pensar em mudanças no trabalho docente sem incluir, além da formação inicial, os sentimentos, atitudes e as motivações dos professores, bem como as novas realidades existentes no âmbito educacional. É necessária uma transformação, o que vai exigir uma visão equilibrada e também uma reestruturação do pensamento.

Nesse sentido me percebo atuando de forma transdisciplinar quando tenho a oportunidade de melhorar as formas de ensinar e de aprender, tornando-as mais prazerosas e eficientes, pois quando temos essa consciência, ou percepção e sensibilidade apuradas, somos conduzidos à necessidade de transcender. O educador tem um papel preponderante na formação de cidadãos, bem como a importância da educação para a compreensão de um mundo melhor, o qual respeite a diversidade. Dessa forma, a transdisciplinaridade pode ampliar a noção de cidadania, e ensinar os alunos a ter uma vivência consciente dos direitos e



338

deveres.

Moraes (2014) aponta que tudo o que envolve o ser humano é sempre reconstruído e recriado a todo instante. Nessa perspectiva o conhecimento transdisciplinar pressupõe um processo aberto, que implica em criação permanente a aceitação do que é diferente e também a renovação de formas acabadas do conhecimento, reconhecendo a subjetividade humana como um processo vivo. Assim percebo que me porto/ensino de forma transdisciplinar quando, utilizo conteúdos necessários à educação transdisciplinar visando à formação dos meus alunos de forma íntegra, quando proponho propostas como o respeito e cuidado ao corpo, a conviver diante da diversidade, a atuar com responsabilidade no meio social e ambiental, e a amar o ser humano e a natureza.

Considerações finais

Ao finalizar esta pesquisa, foi possível identificar que estão bem caracterizadas as práticas da professora como transdisciplinares, pois estas, de forma bem ampla, visam à formação humana de seus alunos, bem como a sua visão de mundo, através de atividades inovadoras, motivadoras que corroboram para o processo de aprendizagem dos mesmos.

Gadotti (2003) afirma que ensinar é reencantar, é despertar a crença de que é possível mudar o mundo. Dessa forma, a professora pesquisada mobiliza em seus alunos o desejo de aprender, pois tem o prazer de ensinar, e ama seus aprendentes, além de ser uma profissional ética. Nesse contexto, a professora é muito mais que a mediadora do conhecimento, ela busca sentido a tudo o que faz e, também, aponta novos sentidos para o que fazer.

Ainda, segundo Gadotti (2003, p. 41), “o êxito do ensino não depende tanto do conhecimento do professor, mas da sua capacidade de criar espaços de aprendizagem, vale dizer, ‘fazer aprender’ e de seu projeto de vida de continuar aprendendo” (grifo do autor). Em suma, podemos dizer que o professor se torna um aprendiz permanente, que vai ser construtor/organizador da aprendizagem. Assim, mais do que nunca há uma necessidade de repensar e também de resgatar valores que serão necessários para uma relação social/humana. Nessa direção, a abordagem inter e transdisciplinar caminham dentro da perspectiva da inovação, mas, também, para a formação humana que, além de haver uma mudança de

paradigma, ocorre uma relação mais humana dentro dos contextos escolares.

Referências

ANJOS, Maylta Brandão dos. Interdisciplinaridade na Condução Docente: impressões a partir da vivência. *In*: PINHO, Maria José et al. (Orgs.). **Complexidade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade na Educação Superior**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

FAZENDA, Ivani C.A.(Org.). **Didática e interdisciplinaridade**. Campinas, SP: Papyrus, 1998. (Coleção Práxis).

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um Sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, Para Quê?**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MORAES, Maria Cândida; BATALLOSO, Juan Miguel; MENDES, Paulo Corrêa (Orgs.). **Ética, Docência Transdisciplinar e Histórias de Vida: relatos e reflexões em valores éticos**. Brasília: Liber Livro, 2014.

_____. **Transdisciplinaridade, Criatividade e Educação: fundamentos odontológicos e epistemológicos**. Campinas, SP: Papyrus, 2015.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 4. ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: UNESCO, 2001.

_____. **A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____; ALMEIDA, Maria da Conceição de; CARVALHO, Edgard de Assis (Orgs.). **Educação e Complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Ensinar a Viver: manifesto para mudar a educação**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Trion, 1999.



340

OLIVEIRA, Cristiane Bento de; FREITAS, Carla Conti de. Transdisciplinaridade e a Formação do Docente do Ensino Superior. **Anais do I Seminário sobre Docência Universitária**. Universidade Estadual de Goiás – UnU/Inhumas, 12 mar. 2011.

OLIVEIRA, João Ferreira de; PESSOA, Jadir de Moraes. **Pesquisar com Bourdieu**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2013.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na Formação de Professores: unidade teoria e prática?** 11. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

REIS, Marlene Barbosa de Freitas; MORAIS, Nilce Fátima; ALBINO, Fabiana Cristina Personi. **Formação de Professores: desafios e possibilidades do pensar complexo na docência transdisciplinar**. 2016.

SANTOS, Akiko. Transdisciplinaridade e Pensamento Complexo. *In: _____*. **Didática Sob a Ótica do Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

SANTOS, Thiffane Pereira dos; REIS, Marlene Barbosa de Freitas. **Educação na e para a diversidade: perspectivas de uma Educação Inclusiva**. Anais V Semana da Integração. Inhumas: UEG, 2016, p. 662-672.

SUANNO, João Henrique. **Inovação na Educação: Uma Visão Complexa, Transdisciplinar e Humanista**. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Paraná, 2009.

_____. Por que uma escola criativa? **Revista Polyphonia**, v. 27, n. 1, jan./jun. 2016.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. Outra finalidade para a educação: emerge uma didática complexa e transdisciplinar. *In: ZWIEREWICZ, Marlene (Org.)*. **Criatividade e Inovação no Ensino Superior: experiências latino-americanas e européias em foco**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2013.